



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS XIV, CONCEIÇÃO DO COITÉ
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS**

ERIVANIA CHAGAS SOUSA

**LITERATURA ERÓTICA AFRO-FEMININA
VOZES DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA ERÓTICA
SEXUALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NA
LITERATURA TRADICIONAL**

**CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA
2023**

ERIVANIA CHAGAS SOUSA

**TÍTULO: SEXUALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER
NEGRA NA LITERATURA TRADICIONAL**

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Alyxandra Gomes

**CONCEIÇÃO DO COITÉ - BA
2023**

LITERATURA ERÓTICA AFRO-FEMININA
VOZES DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA ERÓTICA
SEXUALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NA
LITERATURA TRADICIONAL

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, Campus XIV, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovada em _____ de _____ de 2023

Profª Drª

Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª

Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª

Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

Esse é o momento de lembrar de pessoas especiais que contribuíram com minha trajetória e permanência acadêmica ao longo desses anos.

Agradeço ao universo por preparar pessoas para me acolher em minhas fortalezas e fraquezas, a minha família pelo apoio e compreensão, aos colegas de caminhada, aos funcionários do departamento sem distinção de função exercida, agradeço aos professores que contribuíram direta e indiretamente com minha formação, e em especial agradeço a professora Cristina Carvalho, Professor Moacir Cortês e professorar Nilzete Chaves, esse trio foi muito importante em um momento difícil, dando-me novas oportunidades que foram essenciais para minha não desistência do curso, a professora Lilian Almeida que nos apresentou a literatura de autorias femininas negras, o que me ajudou com a escolha do meu tema, a professora Andréa Mascarenhas que sempre nos incentiva a entrar em contato com os escritores e escritoras, o que me fez procurar Urânia Muzanzu.

Agradeço a Urânia Muzazu pelo acolhimento e carinho, por fazer a ponte entre mim e minha orientadora, a qual venho externar também meus profundos agradecimentos, e a minha terapeuta Paula Macedo que nos últimos dias tem segurado minha mão de dia a noite, me fortalecendo diariamente.

RESUMO

O artigo apresenta um breve panorama da representação da imagem da mulher negra na literatura erótica brasileira no período Modernismo através de Jorge Amado com a obra *Gabriela Cravo e Canela*. Pretende-se analisar a trajetória histórica da construção da sexualidade afro-feminina na voz de escritores masculino, bem como esses estereótipos de mulher super dotada de sexo tem contribuído para perpetuar a cultura do colonizador.

Palavras-chaves: mulher negra, literatura erótica, trajetória histórica, sexualidade afro-feminina.

ABSTRACT¹

This article presents a brief overview about the representation of black women image in Brazilian erotic literature in period through Modernism for Jorge Amado with the work "Gabriela cravo e canela".

This aims to analyze the historical trajectory in the construction of afro-female sexuality in the voice of male writers, as well the stereotypical sexuality of the endowed woman and how this has contributed to perpetuating the culture of the colonized.

Keywords: black women, erotic literature, historical trajectory, afro-female sexuality.

¹ Tradutora: Valéria Batista dos Santos, graduada em Letras - Língua Estrangeira pela Universidade Federal da Bahia.

UM OLHAR VOLTADO PARA SEXUALIDADE DA MULHER NEGRA NA OBRA DE JORGE AMADO GABRIELA, CRAVO E CANELA

O período colonial é o marco inicial para a exploração de corpos negros no Brasil, se homens negros passaram por um grande processo de exploração, com a mulher negra foi mais severo. Essas além de serem submetidas aos trabalhos braçais de toda espécie, enfrentavam a exploração sexual de seus corpos.

O colonizador forja uma imagem de que a mulher negra está sempre disponível para o sexo, impondo uma característica animalesca, selvagem e pecaminosa para sua sexualidade e de suas descendentes, seus corpos são reduzidos a espetáculos aos olhos de homens brancos. (BELL HOOKS,2019, p.112)

Outro fator que impactou na vida dessas mulheres foi o convívio com mulheres brancas, quando essas eram destinadas aos trabalhos domésticos, além de estarem na presença de seus estupradores, encaravam o ódio destilados pelas esposas de seus abusadores sexuais por acreditarem que as negras eram responsáveis por atrair seus maridos.

Assim destaca Bell Hooks (1981)

As mulheres africanas receberam o choque dessa brutalização massiva e aterrorização não apenas porque podiam ser vitimizadas através da sua sexualidade, mas também porque era mais provável que elas fossem trabalhar na intimidade das famílias brancas do que os homens. Desde que os esclavagistas observaram a mulher negra como uma cozinheira vendável, ama-seca, empregada doméstica, era crucial que ela fosse tão exaustivamente aterrorizada que se submetesse passivamente à vontade do dono branco, da dona, e dos seus filhos. (1981, p.16-17)

Gilberto Freyre salienta que havia especulações em que amas de leites se tornavam escravas sexuais para iniciar a vida sexual dos filhos dos senhores

Foi a partir dessa perspectiva que a literatura eurocêntrica se consolidou e reforçou os estereótipos das mulheres afro-brasileiras, trazendo para seus textos uma identidade que perpetuasse a idealização do colonizador sobre corpos negros. Esse movimento foi crucial para a construção social, histórica e cultural da mulher negra, tal construção é percebida no estereótipo da mulher dotada de sexo, e que está

sempre disponível para satisfazer os desejos de homens brancos, essa construção se configura como hipersexualização.

De acordo com o Dicionário Online Priberam de Português, hipersexualização é o ato ou efeito de acentuar a sexualidade ou de dar caráter muito sexual a algo ou alguém.

Dessa forma é notório perceber como um determinado povo usou o discurso e o poder para naturalizar a violação, dominação e exploração do corpo negro ao longo do processo histórico do Brasil.

De acordo com Franconi (1997, p.169) “a grande meta que enfrentamos é entender o Brasil, e a literatura é responsável para refletir e revelar o caráter nacional do país.”

As primeiras narrativas que a literatura brasileira construiu com temas referente a mulher negra subjuga-a através do discurso escravocrata. Colocando-a no lugar de servidão tanto de trabalho como de exploração sexual.

Segundo Ângela Teodoro Grillo (2013) Gregório de Matos é o primeiro brasileiro que traz para seus versos a personagem da mulher negra e suas descendentes, porém mantendo a tradição do discurso já definido para essas mulheres. Usando um palavreado baixo para demarcar lugar de inferioridade social, cultural da mulher negra, essa literatura é responsável por forjar a história e participação dessas mulheres na sociedade brasileira.

Roberto Freyre também consolida sua literatura a partir da exploração de corpos negros, em uma de suas obras *Casa Grande e Senzala*, o autor destaca a mulher colocando-a em destaque seu serviço braçal e a exploração sexual sofrida por essas mulheres, como se isso fosse tudo que mulheres negras escravizadas fossem capazes de fazer.

O autor descreve os abusos sexuais sofridos por negras escravizadas como se fosse algo pacífico, como se essas mulheres se voluntariassem para saciar os desejos mais depravados de homens brancos. Freyre salienta que havia especulações em que amas de leites ou as escravas cuidadoras se tornavam escravas sexuais para iniciar a vida sexual dos filhos dos senhores. (...) “Da mulata que nos tirou o primeiro- bicho- de- pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação de homem.” (FREYRE, 2003, p.367)

No processo de construção do país, Freyre não coloca o negro/negra como responsável por construir a economia brasileira, não valoriza os saberes e a contribuição cultural vinda de países africanos, não enaltece a beleza negra, mas se preocupa em demonstrar os estupros e as experiências sexuais que os senhores desfrutavam através das mulheres negras.

Além de ter a obrigação de iniciar os jovens senhores na vida sexual eram também usadas como estimulante para que esses homens tivessem estímulo para conseguir o auge no ato sexual com suas esposas brancas.

(...) homens brancos que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casados, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de bumbum, da escrava negra sua amante. (FREYRE, 2003, p.368)

Foi diante da história definida pelo colonizador que se definiu a mulher negra como criatura depravada e sexualmente selvagem, e foi a partir dos textos literários que se forjou na literatura uma trajetória que se reflete até os dias atuais.

Bell Hooks afirma

As mulheres brancas e os homens justificaram a exploração sexual das mulheres negras escravizadas argumentando que elas eram as promotoras das relações sexuais com os homens. De tal pensamento emergiu o estereótipo das mulheres negras como sexualmente selvagens, e em termos sexuais uma selvagem sexual, uma não-humano, um animal não podia ser violado. (HOOKS, 1981, p.39)

Para HOOKS os estereótipos construídos a partir da identidade das mulheres negras seria até uma violação compará-las a animal.

É com esses traços de produção de narrativas que trilhamos caminhos já consolidado no cenário da história, social, cultura e econômica do país, porém encontramos nesse rastro de desumanização a oportunidade de fazer diferente, ou não.

Como enfatiza Fraconi (1997, p.169) no que diz respeito a literatura as narrativas que percorremos apresenta-nos um leque de caminhos já perfeitamente

trilhados – terreno seguro e ainda fértil em que novos viajantes poderão iniciar sua caminhada e outros recém-abertos, esses caminhos nos aponta para uma dualidade da construção de novas narrativa em que vem ganhado espaço e interesse pela crítica literária brasileira.

Citando Roberto da DaMatta Fraconi faz a analogia que só é possível compreender o Brasil através de uma chave dupla que diz: “de um lado ela é uma chave moderna e eletrônica do outro uma chave trabalhada pelos anos”, isso com o objetivo de mostrar como se estabeleceu a estrutura da sociedade brasileira, e que se não tivermos capacidade essas duas faces estaremos fadadas a conhecer um único lado da narrativa. (FRACONI, p.170)

Analisamos aqui na construção do pensamento de Fraconi que sua preocupação é em não conhecer um único lado da história do Brasil, aquela perpetuado por uma classe majoritária. O autor ressalta que as novas narrativas têm se preocupado em desmascarar uma história baseada na moral e nos valores da minoria detentora do poder.

A partir dessas observações podemos dizer que a narrativa desse período tem-se preocupado em desvendar o que não aparece claro e, principalmente desmascarar o que se encobre sobre o nome de uma moral preconceituosa e de valores arbitrários. Uma literatura, por conseguinte, problematizadora e problematizante, uma vez que, dos olhos frios com que se destripa a sociedade em que se insere, nada escapa, inclusive a dissecação de seu próprio discurso. (FRACONI, p.170)

O autor traz uma preocupação da necessidade de um reparo histórico na produção literária do país, essa preocupação se comunica com *O Perigo de uma História Única* de CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE. Se a história é narrada sob uma única ótica ela se tornará verdade absoluta, porém ao contar a história de uns vários aspectos culturais, sociais e econômicos podem ser apagados.

Chimamanda relata que um rapaz de um vilarejo pobre foi trabalhar na casa de seus pais e as únicas histórias que lhes contavam sobre o rapaz era de muita pobreza, para ela aquela família era incapaz de fazer algo que não representasse a pobreza, fica impressionada quando conhece a família do rapaz e ver que esses não estão imerso na miséria da pobreza.

Certo sábado, fomos ao vilarejo de Fide fazer uma visita. Sua mãe nos mostrou um cesto de palha pintado com uns desenhos lindos que o irmão dele tinha feito. Fiquei espantada. Não havia me ocorrido que alguém naquela família pudesse *fazer* alguma coisa. Eu só tinha ouvido falar sobre como eram pobres, então ficou impossível para mim vê-los como qualquer coisa além de pobres. A pobreza era minha história única deles. (CHIMAMANDA, s/d, p.9)

LIVRE OU FORJADA PARA SACIAR DESEJOS?

Podemos analisar que a literatura de caráter erótico escrita por alguns autores homens da ficção brasileira vem acompanhada de um discurso de poder e sua intenção é construir um lugar de vivência da mulher negra no âmbito social que é o lugar de ser explorada.

O romance de Jorge Amado *Gabriela Cravo e Canela*, é narrada a história do romance entre o sírio Nacib e Gabriela. A personagem de Gabriela carrega as marcas sociais que foram desenhadas lá no período colonial. Gabriela faz todos os serviços, lava, passa cozinha, arruma e está disponível ao sexo.

A narrativa de forma sutil representa uma mulher livre e dona de suas vontades, mas na verdade Gabriela se forja escrava do sexo, o seu poder de sedução atrai vários homens. Essa narrativa parte do olhar de um homem que molda a personagem com uma carga estereotipada herdada da perspectiva escravocrata. Constrói um cenário de mulata livre, mas o jogo de palavras despeja uma carga sensual em que Gabriela é uma mulata sedenta de prazer e está sempre disponível para saciar prazer.

O termo mulata é associado a Gabriela para definir sua etnia, é resultado do estupro de mulheres negras para consolidar o projeto de miscigenação brasileira, a palavra vem de mula que é o resultado do cruzamento de animais como o jumento e égua.

Assim discorre Djamila Ribeiro

(...) trata-se de uma palavra pejorativa para indicar mestiçagem, impureza, mistura imprópria, que não deveria existir. Empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara, fruto do estupro de escravas pelos senhores de engenho. (...) a adjetivação “mulata” é uma memória triste dos mais de três séculos de escravidão negra no Brasil. (RIBEIRO, 2018, p.99)

AMADO (p.85) “Ainda agora, através da sujeira a envolve-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada, numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba.” Nesse discurso sutil o autor apresenta elemento que enaltece a sensualidade de Gabriela, o cenário e os movimentos escolhidos direcionam o imaginário do leitor a despertar movimentos de prazer na personagem.

Apesar da obra Amadiana apontar outros aspectos, como economia, violência, concentração de renda, é na personagem de Gabriela que se forma a ideia de um país mestiço, alegre e sensual moldado através da cor e do cheiro do cravo e da canela, elementos que compõem a representação da miscigenação. Considerando que essa miscigenação partiu da violência e do estupro de mulheres escravizadas. Maria Santana dos Santos Pinheiro Teixeira e Josiane Mendes de Queiroz (s/d) discorre.

E como entender essa dualidade de um ser que é estereotipada de ser sensual, e ao mesmo tempo tão inviabilizada? Quando falamos que o Brasil é um país mestiço, nos referimos a mistura de diversos povos, no entanto não enfatizamos que somos fruto de uma nação que foi historicamente construída por atos de violência, violência sexual. Somos fruto de estupros. A miscigenação que é tão louvada é fruto de estupros de mulheres negras e indígenas que foram violentadas, usadas com objeto de satisfação sexual. (TEIXERA e QUEIROZ,s/d,p.04)

Mesmo o autor construído no corpo do seu discurso uma mulata cheia de mazelas quando descreve o estado em que a personagem se encontra, consegue a partir da memória do leitor quando finaliza dizendo que Gabriela tem “os bustos em pé”. O marcante sorriso por si já traz ideia de sensualidade para suprir outros aspectos que o tornaria indesejável.

Assim afirma Aline Santos de Brito Nascimento (2018)

No romance amadiano, o erotismo está nas partes do corpo que o autor descreve anatomicamente, cuidadosamente, eroticamente; e também está nas falas de seus personagens, que dialogam, pensam e sonham com o coito, o desejo, a paixão. (NASCIMENTO,2018, p.9)

Gabriela de tudo faz um pouco, lava, cozinhar, arrumar, é assim que apresenta sua mão de obra disponível para Nacib, porém não sabe o valor dos seus serviços, “o que o moço pagar está bom”. Com sutileza o autor deixa nas entre linhas da narrativa a desvalorização do trabalho prestado por mulheres negras, situação que nos leva a

pensar que é herança deixada por um país que se forjou a partir do trabalho escravizado.

Fica notório que livre Gabriela não é, essa corresponde as características da mulher “mulata” submissa de valores impostos pelo colonizador, sua serventia se resume a dualidade de “cama e mesa”. “A desvalorização da natureza feminina negra ocorreu como resultado da exploração sexual das mulheres negras durante a escravatura que não foi alterado no decurso de centenas de anos” (HOOKS,1981, p.40)

Podemos perceber que o corpo do discurso de Jorge Amado nos traz a possibilidade de verificar o salto que a literatura conquistou no período do tempo, porém, falando de sexualidade e de corpos negros sob o olhar masculino o autor contribui para reforçar a cultura dominante. Com a desvalorização pontuada por HOOKS, em Gabriela o jogo de palavras oferece uma outra carga identitária para mulher negra. Mesmo essa sendo colocada na posição de mulher independente, sem um “ dono”, a personagem é figurada como uma subalterna do sexo, dos desejos mais eloquente da narrativa amadiana.

Gabriela desperta os desejos, se disponibiliza ao prazer, mas o sentido de ser livre é viver a sexualidade de forma depravada, sem pensar em se casar, a liberdade de Gabriela está condicionada ao seu apetite por sexo.

Dinheiro a ganhar naquela terra, era preciso não ter medo de trabalho. Ganhar dinheiro e voltar à cidade em busca de Gabriela. Havia de encontrá-la fosse como fosse.

-Melhor é não pensar, tira ela da cabeça-aconselhou Fagundes (...) não é mulher pra tu e nem pra mim. Não é como essas quengas, é...

-Tou com ela metida em meu juízo, mesmo querendo não posso.

-Tu tá maluco. Ela não é mulher para se viver cum ela.

-Que é que tu da dizendo?

-Num sei... Pra mim é assim. Tu pode dormir com ela, fazer as coisas com ela. Mas ter ela mesmo, ser dono dela como é de outras, isso ninguém vai nunca ser. (AMADO,1958, p.128)

A condição de Gabriela como mulher livre faz nos refletir que seria inconscientemente uma reparação histórica para sexualidade das mulheres negras escravizadas, essas eram estupradas pelos seus senhores, eram obrigadas a servir seus corpos, porém nesse jogo a personagem é moldada com os estenótipos do sexo e de sua cor, “cravo e canela”, foi projetada hipersexualmente pelo olhar masculino,

não se tem uma outra versão da vida de Gabriela, a não ser uma sertaneja sofrida que migra para Ilhéus para fugir da seca, a única coisa que aparece em relação sua família é que um tio faleceu durante a peregrinação. O que fica desenhando nas entrelinhas que as aventuras sexuais de Gabriela é uma fuga de sua realidade de dores e de suas mazelas sociais.

Em Jorge Amado a personagem se relaciona sexualmente com vários homens sem despertar interesse em se casar, sem despertar o sentimento de amor por um único homem.

Toda construção sensual da narrativa referente a Gabriela é formada da imaginação dos personagens masculino, sua beleza está relacionada aos estereótipos do seu corpo.

Entrou de mansinho e a viu dormida numa cadeira, os cabelos longos espalhados nos ombros. Depois de lavados e penteados tinham-se transformado em cabeleira solta, negra, encaracolada. Vestia trapos, mas limpos, certamente os da trouxa. Um rasgão na saia mostrava um pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente.

- Meu Deus! - Nacib ficou parado sem acreditar. (AMADO1958, p.134)

Os elementos que transforma a retirante molambenta e suja em um ser desejável e encantador é justamente o biotipo do seu corpo, e como esse corpo é observado, o rasgão da roupa que deixa a mostra partes da coxa na cor de canela, os movimentos de subir e descer dos seios, esses são demarcadores que oferecem um exagero sexual da personagem, sua beleza está condicionada a esses fatores.

Como já mencionado antes, no Brasil colonial a mulher negra era também escravas sexuais de seus senhores, foi aí que iniciou a objetificação de seus corpos, a literatura ficou encarregada de fazer e perpetuar essa condição de escrava do sexo quando traça uma narrativa que fotografe no imaginário dos leitores marcas de sensualidade advindas de sua cor/raça.

Sobre fotografar FRANONI discorre.

Esse desejo de revelar, de “fotografar”, é característica de um *realismo* de qualquer época, filiado à necessidade de buscar a verdade para nele espalhar o estado em que se encontra determinado grupo, sociedade ou cultura. (FRANONI,1997, p.172)

Esse retrato que se espalha em algumas obras e gêneros literários a perversão é a pedra que solidifica as estruturas propostas. (...)” nessa área da relação erotismo e poder, colorindo intensamente, como é próprio dessas formas, as aberrações sexuais, as taras e os descabros de ditadores, torturadores, agentes da ordem” (...) (FRANCINI,1997, p.174)

Esse movimento sutil normaliza e mantém relações de poder previamente estabelecido sobre a inferioridade de corpos negros femininos definido seu comportamento e sua forma de existir, com o intuito de ajustá-las ao modelo do patriarcado, e a literatura possibilita esse ajuste de acordo com sua autonomia e possibilidades.

A validação de liberdade e independência em que Gabriela está inserida transforma-a desejável conforme o ideário de beleza que o patriarcado criou para a mulher com descendência negra. A visão atribuída a mulher negra “mulata” como um ser dotado de sensualidade reforça o pressuposto de erotização para atrair e entreter os olhos masculinos.

Na obra INTERSECCIONALIDADE Feminismos Plurais de Carla Akotirene coordenado por Djamila Ribeiro, a autora pontua que o termo demarca a localização de mulheres negas e sua marginalização estrutural.

Desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. Conforme dissemos, é o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. (AKOTIRENE,2019, p.35)

Como celebrar liberdade quando essa só aponta para o lado sexual? É notório que a vida de Gabriela é marcada pela pobreza extrema, sem nenhuma autonomia financeira, educacional, social e política. O termo interseccionalidade abordado por Akotirene é a interação social que define uma pessoa ou grupo/classe social pontuando elementos que configuram a identidade desse grupo ou pessoa e isso inclui a etnia, posição econômica, social e cultura.

O discurso erótico utilizado pelo autor é humilhante e animalesco e truculento se tratando de mulheres negras, esse constrói uma imagem de mulher selvagem para validar a personagem como mulher atraente e a literatura permitiu a validação desse discurso. Em relação ao protagonismo negro, Djamilia Ribeiro pontua os não negros têm o dever de lutar e conscientizar sobre a opressão aos negros, porém, mas não devem ser os protagonistas da história, pois são pessoas brancas que tem falado dos negros ao longo do tempo. Em relação aos trabalhos de pesquisa acadêmica a autora afirma. “Os trabalhos acadêmicos iniciais sobre essa questão, por exemplo, foram feitos por não negros justamente porque o racismo impede o acesso da população negra aos espaços acadêmicos” (RIBEIRO,2018, p.82)

Com isso foi se moldando marcas sociais para atribuir a identidade da mulher negra. Considerando que esse discurso se solidificou porque partiu de uma conclusão ideológica de homens, que ao observar corpos negros criou um pre(conceito) desses corpos. Em o perigo de uma história única Chimamanda sinaliza que se mostrar um povo como uma única coisa, é isso que esse povo vai se tornar.

Com isso salientamos que, não é ofensivo a mulher negra ter desejos sexuais, o sexo é biológico, pertence aos seres, mas o que se tem reforçado durante a construção histórica referente a corpos de pele negra é que suas únicas habilidades é o sexo, olhado com atenção para nossa história no olhar do colonizador o nível mais elevado de autonomia e liberdade que uma mulher negra pode atingir é chegar a ser uma “Gabriela cravo e canela”. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” (CHIMAMANDA, s/d, p. 14)

Renato Marcelo Resgala Júnior 2018 salienta

(...) as indagações acerca do corpo, das diferenças de gênero e da contínua e permanente dialética do discurso sociocultural. Repensar o espaço do discurso da sexualidade nunca foi o mote da tradicional elite conservadora do país: a visão sobre o corpo, a sexualidade e o(a) *outro(a)*, a classe hegemônica conhece-a bem a tal ponto de negá-la, difamá-la e restringi-la (...) sobre o corpo e gênero, no que concerne à valoração e à sexualidade do que venha a constituir a própria identidade do ser, é intervir num histórico processo discursivo cercado por determinada tradição mítica e segregadora em que se marca uma imaculada projeção sobre o que o se deve e precisa ser:(RESGALA,2018, p.88)

Percebemos que se tratando do corpo do outro (mulheres negras, mestiças) o direito de fala pertence ao patriarcado, aceitar que mulheres descendentes de escravizadas ocupe o espaço literário para falar de sua sexualidade é afrontoso, esse lugar não lhe pertence.

De acordo com Florentina Souza, Gilka Machado foi a primeira mulher a publicar poemas eróticos, e foi rechaçada pela crítica literária.

(...)por esta ousadia, recebeu críticas fortes de representantes do moralismo conservador tais como Humberto de Campos que atribui seus versos eróticos a sua “mentalidade “criola” e Afrânio Peixoto que a chama depreciativamente de mestiça, e mesmo Mário de Andrade teria criticado o que denominou de falta de moral em seus versos. (SOUZA,2017, p.21).

Os defensores do moralismo e conservadorismo não se incomodou em rechaçar a posição que homens brancos eurocêtricos ocupou para erotizar e menosprezar a sexualidade de mulheres afro, porém esses defensores se levantaram para criticar Gilka por trazer em seus escritos temas referentes a sexualidade a sexualidade da mulher é validada quando essa é descrita sobre a ótica do dominador. Em Gabriela Jorge Amado se debruça para construir e contribuir com a ideia de mulher livre, mas as evidências de liberdade estão voltadas para a sexualidade, o desejo camuflado por trás de uma “falsa inocência”.

CONCLUSÃO

Com isso podemos afirmar que as iniciações literárias de mulheres brancas foram questionadas enquanto sua literalidade, porém, com as escritoras afrodescendentes essa crítica foi e continua sendo bem mais acentuada, como visto acima escritores homens respaldados pela “moral e o bom costume” da época tentam inviabilizar uma escrita feminina e para isso faz apelo ao discurso racista a fim de inferiorizar e deslegitimar uma literatura produzida por mulher afrodescendente que traz como pauta a sexualidade.

Porém se tratando de vozes masculina que tem como pauta a sexualidade esse espaço é permissível e solido no campo literário. Hoje percebemos mudanças,

mulheres negras atuam no mercado literário questionando a incapacidade que lhes foram impostas, quebrando padrões e rescrevendo a memória identitária de seu povo.

Nota-se que essa ocupação ainda é um pouco lenta, pois além de escrever é preciso que seus trabalhos sejam reconhecidos e divulgados, a fim de inviabilizar a história única que foi construída no país.

REFERÊNCIAS:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução Julia Romeu. Campanha das Letras.
- AKOTIRENE, Carla. INTERSECCIONALIDADE, Feminismo Plurais: coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo 2019.
- AMADO, Jorge. Gabriela, cravo e canela, 1958. Livro digital
- BENATTI, Igor Felipe, BOCCHI, Josiane Cristina, LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Angústia, sensualidade e enfrentamento do feminino em Gabriela cravo e canela**: Revista TEL, Irati, v.13, n.2, p.217-229, jul./dez.2022
- CORPO EM DEBATE: A OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidade, s/d.
- FRANCONI, Rodolfo A. Erotismo e poder na ficção Brasileira contemporânea-São Paulo: ANNABLUME, 1997.
- FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala: formação da economia brasileira sob o regime patriarcal. 48ª. São Paulo: Global, 2003.
- HOOKS, Bell. Não sou eu mulher negra. Mulheres Negras e Feminismo. 1ª ed. 1981: Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.
- HOOKS, Bell. Olhares negros: raça e representação; tradução de Stephanie Borges. NA OBRA AMADIANA GABRIELA, CRAVO E CANELA: GARRAFA. Vol. 16, n. 44, janeiro-junho 2018.
- NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. EROTISMO E IDENTIDADE NEGRA
- RESGALA, Renato Marcelo Júnior. Alteridades, gênero, corpo e sexualidade no discurso literário: Revista Transformar: Itaperuna-RJ. 12ª ed. 2018
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? -1ªed. São Paulo: companhia das Letras, 2018.
- São Paulo: Elefante, 2019.
- SOUZA, Florentina. Mulheres Negras Escritoras, Revista Crioula nº 20 - 2º semestre/2017. Disponível: <https://www.revistas.usp.br>, acesso em 23/05/2022.
- TEIXEIRA Maria, Santana dos Santos Pinheiro, QUEIROZ, Josiane Mendes de. Um Códice setecentista: Inédito de Gregório de Matos. Org. Fernando da Rocha Peres e Silva La Regina. Salvador: EDUFBA, 2000.